

FANATISMO RELIGIOSO E CURANDEIRISMO NA COLÔNIA ALEMÃ DE SÃO LEOPOLDO: A(IM)POSIÇÃO DAS IDEIAS DAQUELES QUE (RE)ESCREVEM A (SUA) HISTÓRIA (1868-1874)

*Daniel Luciano Gevehr*¹

Considerações Iniciais

O conflito Mucker suscita na atualidade discussões em diversas áreas do conhecimento, dada a complexidade de sua natureza e de seus desdobramentos. Nesse estudo, no âmbito da história, nos propomos a discutir o processo que envolveu a produção e difusão dos primeiros registros historiográficos a respeito de seus líderes, Jacobina e João Jorge Maurer. Para tanto, nos valem dos escritos produzidos por três autores, que em nossa visão, foram os principais responsáveis pela construção do imaginário sobre os Mucker, ainda no final do século XIX. Nesse caso, nos referimos às narrativas do intelectual Karl Von Koseritz, do militar Francisco de Santiago Dantas e do jesuíta Ambrósio Schupp.

Através da análise dos seus registros, encontraremos narrativas que nos permitem compreender como o “casal Maurer” teve sua imagem diretamente associada ao *fanatismo religioso e a prática do curandeirismo*. Esses dois elementos, conforme veremos serão amplamente difundidos para se criar uma representação negativa, que associa religiosidade e práticas pseudocientíficas –como as próprias narrativas apontavam – *na cura de doenças da alma e do corpo*.

Inicialmente lembramos que o conflito Mucker ocorreu no final do século XIX, mais precisamente entre os anos de 1868 e 1874, na Antiga Colônia de São Leopoldo, atual município de Sapiranga, Rio Grande do Sul. O conflito envolveu um grupo de colonos, formado por imigrantes e descendentes de imigrantes alemães. O lugar onde ocorreu o conflito ficava nas imediações do morro Ferrabraz, localizado na encosta inferior do Planalto Norte Rio-Grandense, que recebeu no século XIX imigrantes alemães e descendentes que adquiriram seus lotes de terra na localidade.

O processo de ocupação efetiva da região onde ocorreu o conflito iniciou em 1816, quando o Tenente Manoel José de Leão adquiriu as terras e instalou a *Fazenda Padre Eterno*, constituindo-se naquele momento numa estrutura de latifúndio escravista. Foi apenas em 1842 que a fazenda foi leiloada em hasta pública e comprada por João Pedro Schmidt, comerciante de Hamburgerberg (atual município de Novo Hamburgo), que, através da Sociedade Schimidt & Krämer, vendeu os lotes de terra aos colonos alemães entre 1845 e 1869. Nesse período, iniciou-se a colonização alemã, com a distribuição de pequenos lotes,

¹ Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). E-Mail: <danielgevehr@hotmail.com>.

minifúndios, na região do atual município de Sapiranga. Entre os colonos que adquiriram terras na Fazenda Padre Eterno – *Leonerhof* como era denominada pelos colonos alemães – estava o casal Maurer, que fixou residência ao pé do morro Ferrabraz no ano de 1867, um ano após o seu casamento, ocorrido na Igreja Evangélica de Hamburgerberg.

O termo seita provém do grego *hairesis*, o que significa partido. No Brasil, o termo geralmente esteve associado aos protestantes, demonstrando a visão católica do império brasileiro. De acordo com o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o termo seita pode significar doutrina ou sistema que diverge da opinião geral e é seguido por muitos. Pode significar também um conjunto de indivíduos que professam uma mesma doutrina ou uma comunidade fechada de cunho radical. Pode ainda significar teoria de um mestre seguida por numerosos prosélitos. Esse termo aparece com frequência nas narrativas construídas sobre os Mucker, tanto na época do conflito como após o conflito, em especial até a primeira metade do século XX. Observamos que o termo seita religiosa era, frequentemente, empregado para deturpar o grupo localizado no Ferrabraz. Na historiografia brasileira, o termo seita é comumente empregado para identificar os movimentos de caráter messiânicos, como é o caso do conflito de Canudos e Contestado, enfatizando, assim, seu caráter religioso.

Jacobina Mentz Maurer foi considerada a líder religiosa dos Mucker e, juntamente com seu marido, João Jorge Maurer, conhecido como “o curandeiro”, liderava o grupo de colonos denominados Mucker, constituído, provavelmente, por no máximo 600 participantes. A denominação foi difundida na região, ao que tudo indica, pelo pastor evangélico-luterano Frederico Boeber, que teria utilizado esse termo para se referir em seus cultos ao grupo organizado no morro Ferrabraz. O conflito acabou de forma violenta em 1874, com a ação das forças imperiais lideradas pelo Coronel Genuíno Sampaio. Os Mucker que sobreviveram acabaram saindo da região após o desfecho do conflito e se instalaram em diferentes localidades do estado.

Vale lembrar que o termo Mucker apresenta diferentes significados, podendo significar santarrão, embusteiro ou fanático religioso. O termo pode ainda ser associado ao zumbido das abelhas, quando estão trabalhando na colmeia. Essa última tinha como intenção a identificação dos Mucker como um grupo que, quando reunido em culto, demonstrava todo seu fervor e fanatismo religioso.

De acordo com os relatos e as narrativas (textos) do final do século XIX – em especial aquelas produzidas por Dantas, Koseritz e Schupp – Jacobina teria conferido ao grupo um caráter de fanatismo, já que, segundo relatos da época, era acometida de desmaios, desaparecimentos e visões, que não eram explicados. Segundo a versão oficial, esses eram intencionais e teatralizados, com o objetivo de enganar os colonos que compareciam aos cultos por ela ministrados e às “consultas médicas” realizadas por seu marido João Jorge Maurer.

O contexto em que se desenrolaram os acontecimentos foi marcado por grandes dificuldades, tanto de caráter econômico quanto social e religioso. Janaína Amado² defende a Tese de que os Mucker foram, antes de tudo, o resultado das transformações econômicas que romperam de forma definitiva com a estrutura

² AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil: a Revolta dos “Mucker”*. São Paulo: Símbolo, 1978. Originalmente apresentado como tese de doutoramento na Universidade de São Paulo, em 1976.

vivenciada na região de São Leopoldo, a partir de 1845. De acordo com Amado, antes dessa data, os imigrantes alemães viviam numa sociedade onde as diferenças sociais não eram tão acentuadas. Mesmo reconhecendo as diferenças existentes entre ricos e pobres, a autora destaca que, ao final do século XIX, teria se dado um aumento significativo das desigualdades sociais na área de imigração do Vale do Sinos.

Esse desenvolvimento econômico de São Leopoldo deu-se entre 1845 e 1874 e decorreu de sua maior ligação com Porto Alegre, promovendo a dinamização e a consequente estratificação social, que acabaria criando grandes desigualdades sociais entre os colonos. Constituíam-se, naquele momento, uma sociedade local marcadamente desigual do ponto de vista socioeconômico, na qual se encontravam, de um lado, os ricos e, de outro, os pobres. O primeiro grupo era formado de proprietários de terra, comerciantes e proprietários de estabelecimentos manufatureiros, enquanto o segundo grupo era constituído por pequenos proprietários e pequenos artesãos.

Conforme os dados apresentados pela historiadora, em São Leopoldo houve um progressivo aumento das exportações, constatado no crescimento de mais de 80% em 1870 se comparados aos resultados alcançados no ano de 1842. Além disso, percebe-se uma maior diversificação das atividades desenvolvidas em São Leopoldo, como, por exemplo, a construção de atafonas, engenhos de cana, moinhos de moer grãos, fábricas de charutos e louças, entre várias outras atividades que dinamizaram consideravelmente a economia de São Leopoldo.

Esse cenário demonstra a progressiva importância de São Leopoldo para a economia do Rio Grande do Sul, visto que se tornava não apenas um consumidor de produtos, mas também um fornecedor. Os tempos eram de mudança na Colônia Alemã de São Leopoldo, e o movimento Mucker vinculou-se diretamente às mudanças em curso.

O conflito Mucker, que se desenrolou entre 1868 e 1874, é explicado pela autora a partir de uma análise marxista, na qual se sobressai o plano econômico (a estrutura) que provoca as transformações no plano social, político e também religioso (a superestrutura). Do seu ponto de vista, os Mucker seriam o resultado de uma tentativa de negação, não aceitação das mudanças que São Leopoldo estava passando naquele momento. Eles formariam um bloco de resistência, cujo ponto de convergência seria a *religião* e a *prática do curandeirismo*, comandados pelo casal Maurer. A religião não oficial e o curandeirismo seriam, nesse contexto, formas alternativas de viver de acordo com a realidade do interior da Colônia Alemã.

Soma-se a esses fatores predisponentes o desamparo religioso e a falta de assistência médica em que se encontravam os colonos. Entregues aos pastores-colonos e padres-colonos que atuavam devido à inexistência de clérigos formados e ao desleixo em que se encontravam as instituições religiosas tanto católicas quanto protestantes, esses colonos voltaram-se para a religião pregada pelos Maurer, aderindo às novas formas de espiritualidade. Já em relação ao atendimento médico, a única solução era se dirigir até o centro da Colônia e pagar pelos serviços, o que para a maioria dos colonos do Ferrabraz era inviável.

A análise desenvolvida pela antropóloga Maria Amélia Schmidt Dickie³ amplia a discussão em torno dos fatores responsáveis e das condições em que se deu o movimento, como também ressalta a construção dos discursos que pretenderam justificar o massacre ocorrido no Ferrabraz ao final do século XIX.

Dickie, através de uma longa análise da documentação, que se constitui principalmente de Autos do Inquérito, Registros de Terras, Correspondências e Relatórios Provinciais, levanta novas questões e propõe outras explicações para o conflito ocorrido em uma área típica de imigração alemã no sul do Brasil. Caracterizando-o como um movimento sócio-religioso, Dickie ressalta que ele se deu em uma área de *identidade étnica homogênea*, isto é, composta de habitantes formados de uma mesma etnia, e provenientes da mesma “pátria-mãe”, a Alemanha⁴. Dickie revela-nos ainda as diferentes formas de detração dos Mucker, formuladas pelos colonos moradores da região.

Segundo sua análise, a maioria desses colonos alemães, ou seus descendentes, tinha como objetivo desqualificar o grupo Mucker, desvinculando-o dos demais colonos e atribuindo-lhe uma origem não germânica. Isso os levava a reforçarem que o verdadeiro alemão era pacífico, ordeiro e trabalhador, cumpridor das leis e das suas obrigações e que essas qualidades não poderiam ser encontradas entre os Mucker do Ferrabraz.

Um segundo aspecto relevante considerado por Dickie foi a atuação da Igreja em defesa da boa fé, da moral e da união entre os colonos alemães. Tanto os padres como os pastores eram a fonte da verdade e somente a eles competia proferirem palavras sagradas e a interpretação da Bíblia. São exatamente as leituras e interpretação da Bíblia realizadas por Jacobina, assim como as práticas de curandeirismo de João Jorge Maurer, que conferem aos Mucker seu caráter mais *desqualificador*. Segundo os colonos de seu tempo, como poderia uma mulher semianalfabeta ter a capacidade de interpretar as Escrituras Sagradas, papel destinado apenas aos religiosos com formação e um simples colono receitar ervas medicinais, que supostamente curava as pessoas, inclusive cegueira, como alguns afirmavam?

Esse nos parece ser um aspecto fundamental a ser considerado em relação à construção das representações sobre os Mucker, que apontam para a intenção de desqualificar Jacobina e seu marido exatamente pelo fato da primeira ser mulher e seu marido um colono sem muita instrução. Jacobina, vale lembrar, estava inserida numa sociedade sulina do final do século XIX, na qual havia uma significativa dominação masculina, além de fortemente militarizada, em razão da fronteira. Assim, o surgimento de uma nova religião poderia provocar o enfraquecimento das duas Igrejas, tanto da Católica quanto da Evangélica, o que acarretaria o fracasso

³ DICKIE, Maria Amélia Schmidt. *Afetos e circunstâncias: um estudo sobre os Mucker e seu tempo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

⁴ Sobre essa questão que envolve a produção de identidades étnicas em áreas de imigração destacamos a análise realizada por Giralda Seyferth, quando analisa o caso da Colônia Blumenau, em Santa Catarina. SEYFERTH, Giralda. “A dimensão cultural da imigração”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 26, n. 77, 2011, p.47-62. Poderíamos ainda pensar nas discussões realizadas por Start Hall sobre o processo de constituição das identidades. HALL, Stuart. “Quem precisa de identidade?”. In: SILVA, Tomaz T. da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 103-133.

de suas missões religiosas na região de colonização alemã no Rio Grande do Sul.

Segundo Dickie, a construção da representação dos Mucker como fanáticos, ocorreu especialmente por não serem portadores e defensores da cultura – o *Deutschtum* (germanidade) trazida pelos imigrantes alemães, por sua desclassificação e falta de erudição. A autora destaca a edição publicada em 17 de maio de 1873 do *Deutsche Zeitung*, na qual Karl Von Koseritz⁵ aponta para esse processo de desqualificação dos Mucker, apresentando-os como “não alemães”.

*A desqualificação tinha duas matrizes que reiteraram a retórica de Koseritz: por um lado, a racionalista/evolucionista, pela qual Mucker é sinônimo de ‘natureza não civilizada’, ‘selvageria’, ‘falta de esclarecimento’ e ‘embuste religioso’; por outro, a matriz étnica, através da qual efetuou a exclusão pública dos mucker, ao equiparar as atividades de Maurer às de um ‘índio velho’ e às da feitiçaria africana, chamando-o de ‘negro branco’. Maurer era, portanto, um não alemão.*⁶

O caráter depreciativo com que a imprensa da época referia-se aos Mucker torna clara a intenção de tentar imprimir na população uma determinada visão acerca desse grupo, representando-os de forma bastante parcial. Os alemães civilizados, isto é, os não mucker, representavam, assim, o seu oposto, pois, como referido no discurso de Koseritz, seriam os responsáveis pela prosperidade econômica, social, política e religiosa da colônia.

Dickie chega à conclusão de que havia um sentimento de autodefesa por parte dos Mucker, que se evidenciou nas situações em que estes não mais confiaram nas autoridades locais, indo buscar ajuda fora da região, inclusive no Rio de Janeiro, como quando se dirigiram ao Imperador D. Pedro II. Porém, ao não terem obtido resposta aos seus pedidos de ajuda, e surpreendidos com a notícia de sua possível deportação – de preferência para a África, sugeriu Koseritz – concluíram que não havia outra saída para eles a não ser responder aos ataques sofridos. É nesse momento que começaram a se intensificar as notícias de ataques às casas dos colonos, de assassinatos e de emboscadas promovidas pelos Mucker, e que podem ser entendidos como forma de reação às ofensas e às humilhações públicas sofridas.

Dickie constatou que se construiu uma determinada representação, um rótulo que inseriu os Mucker no imaginário coletivo como o *não civilizado*, como aquele que, ao ocupar o banco dos réus, foi também alvo de condenação moral. Jacobina como fanática religiosa e seu marido como “um falso médico” eram a prova dessa afirmação.

O movimento chegou ao final, oficialmente, em 02 de agosto de 1874, quando Jacobina Mentz Maurer e mais dezesseis adeptos foram assassinados nas matas

⁵ Karl Von Koseritz teve grande atuação no cenário político do Rio Grande do Sul da segunda metade do século XIX, em especial ao lado dos liberais. Na década de 1860 foi chamado para dirigir o *Deutsche Zeitung*, através do qual publicava seus pensamentos e posicionamentos políticos.

⁶ DICKIE, *Afetos e Circunstâncias...*, p. 317.

de Ferrabraz. Sobre a morte de seu marido João Jorge Maurer pouco sabemos, uma vez que seu corpo teria sido encontrado, após o final do conflito, enforcado nas matas do Ferrabraz. Porém, como o corpo estaria em estado adiantado de decomposição, o seu reconhecimento foi prejudicado, cabendo apenas a versão apresentada pelo alfaiate, que teria confirmado ser de Maurer a roupa usada pelo cadáver. Concretamente, nada sabemos sobre seu paradeiro após o conflito.

Em linhas gerais, podemos afirmar que existem dúvidas sobre os acontecimentos que envolvem o movimento Mucker. Essas dúvidas referem-se tanto à atuação das pessoas envolvidas quanto aos próprios acontecimentos, sobre os quais não temos comprovações documentais, já que não dispomos de testemunhos orais dos integrantes do movimento Mucker.

Fanatismo e curandeirismo: percorrendo as narrativas de Koseritz, Dantas e Schupp

As representações construídas sobre os Mucker, no final do século XIX, apontam-nos como os únicos responsáveis pelos acontecimentos. As interpretações feitas sobre o movimento, desde o final do século XIX até os dias atuais, podem ser mais bem compreendidas se considerarmos o processo de construção das diferentes representações⁷ sobre os Mucker, identificando interesses e contextos. Afinal, foi apenas a partir de meados do século XX que apareceriam as primeiras narrativas que não apontavam os Mucker como fanáticos e responsáveis pelo ambiente violento da Colônia Alemã.

Para compreender o processo de construção das representações do casal Maurer, e especialmente de Jacobina, consideramos fundamental observar a análise feita por Lúcia Lippi Oliveira⁸. Para ela, a origem das representações dos heróis da história nacional encontra-se precisamente na descrição “heroicizada” dos personagens, inscritas num campo de *batalha simbólica*. Neste campo de batalha, para se impor determinadas versões sobre os personagens, muitas vezes se recorre às narrativas de época e aos testemunhos orais, que, em alguns casos, confundem-se com versões lendárias e imaginárias em relação aos fatos e personagens do passado.

Assim como Lippi Oliveira, entendemos que houve um processo de construção de representações sociais dos personagens emblemáticos do conflito Mucker.

⁷ Não desconhecemos a diversidade de abordagens sobre as representações sociais, contudo, valemos, especialmente, dos estudos realizados por Pierre Bourdieu, Roger Chartier e Bronislaw Baczko. Consideramos também extremamente válida a observação feita pela historiadora francesa Denise Jodelet de que “elas [as representações sociais] expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Estas definições partilhadas pelos membros de um grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e da dinâmica sociais das representações”. JODELET, Denise. “Representações sociais: um domínio em expansão”. In: JODELET, Denise (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 03.

⁸ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. “A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e hoje”. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy (org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

Embora o conflito tenha envolvido uma grande quantidade de pessoas, tanto do lado dos Mucker quanto do lado de seus combatentes, priorizamos a análise das representações de Jacobina, que foi entendida como a principal responsável pelas “atrocidades” cometidas no Ferrabraz, envolvendo, segundo seus opositores, práticas de curandeirismo e fanatismo religioso.

Conforme veremos, parte das narrativas construídas sobre os Mucker procuraram incutir a noção de “verdade”, fazendo com que o discurso do autor parecesse e assumisse a condição de descrição fiel dos seus personagens e fatos.

Como nos ensina o historiador José Murilo de Carvalho, baseado nos estudos de Joshua C. Taylor, “os traços de heroísmo, de virtudes cívicas, oferecidos aos olhos do povo, eletrificam suas almas e fazem surgir as paixões da glória, da devoção à felicidade de seu país”⁹. Assim, a construção das representações de Genuíno, combatente do casal Maurer, como herói acabou solidificando a visão de uma história construída principalmente a partir das suas ações heroicas, em contraponto às ações negativas dos Mucker.

Ainda de acordo com Carvalho, essas são manipulações que operam no sentido de se construir uma versão alinhada com os interesses de quem constrói o discurso e que devem levar em conta o contexto de um determinado período histórico. Essa afirmação vem ao encontro de nossa análise, na medida em que consideramos a dinâmica que envolveu a construção de representações de Jacobina e seu marido, apontado como o “Doutor Maravilhoso” ou simplesmente como o “curandeiro do Ferrabraz.” Nesse contexto, destacamos que a questão das *práticas de curandeirismo* – ou a “falsa medicina” como afirmaram muitos colonos – e as *rezas* proferidas por Jacobina são os dois elementos fundamentais do ataque proferido ao casal.

Em nossa análise, compreendemos Jacobina e Genuíno como personagens antagônicos, situados em lados opostos. Daí, considerarmos fundamental desvendar como se deu a construção de representações sobre esses dois personagens, considerados os principais no episódio, e que representavam, de um lado, os Mucker, e de outro, seus combatentes.

Iniciamos nossa análise sobre os personagens centrais do conflito apresentando, de forma abrangente, a biografia de Jacobina Mentz Maurer. Em relação a ela, sabe-se que nasceu em data desconhecida do mês de junho de 1842, na localidade de Hamburgo Velho, atual município de Novo Hamburgo – RS. Era filha do casal de imigrantes alemães, André Mentz e Maria Elisabeth Muller, que, além de Jacobina, possuíam mais 7 filhos. Jacobina foi confirmada em 04 de abril de 1854 na Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil de Hamburgo Velho, onde viria a se casar com João Jorge Maurer. Foi assassinada em 02 de agosto de 1874, quando foi descoberta, pelas forças oficiais, em seu esconderijo na mata fechada, ao pé do morro Ferrabraz.

Sobre suas características físicas pouco sabemos, em razão de não termos qualquer retrato seu, o que torna sua personagem ainda mais enigmática, despertando o imaginário da população acerca de como seria a imagem real de Jacobina. Como seria seu rosto, seus cabelos, seu corpo? São perguntas para as quais até o momento não temos respostas confiáveis, tendo em vista que as descrições feitas

⁹ TAYLOR, Joshua C. *apud* CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 11.

sobre ela são bastante distintas. A única fotografia que representaria Jacobina é aquela atribuída ao casal Maurer, cuja autenticidade é amplamente questionada. Acredita-se que a fotografia não retrate Jacobina e seu marido João Jorge Maurer. A não existência de uma imagem concreta de Jacobina Mentz Maurer torna sua personagem ainda mais misteriosa.

A Jacobina criança teve sérias dificuldades na escola, não tendo conseguido aprender a ler e escrever. Jacobina aprendeu a ler em alemão já adulta, com o professor Hardes Fleck, sobre quem pouco sabemos. Jacobina nunca aprendeu a escrever, nem a falar em português. Entretanto o analfabetismo de Jacobina tem sido cada vez mais questionado, uma vez que se acredita que esse elemento tenha sido utilizado pelos seus inimigos para desconstruir a imagem da líder religiosa. Segundo os diagnósticos do Dr. João Daniel Hillebrand, Jacobina apresentava, desde criança, sinais de transtornos nervosos que haviam se agravado em sua fase adulta, quando iniciou a leitura e interpretação da Bíblia. Segundo o médico, esses transtornos teriam provocado uma *verdadeira mania religiosa e sonambulismo espontâneo*.

Hillebrand apontava seu marido, João Jorge Maurer, como o responsável pela doença da mulher, já que, segundo seu entendimento, ele a obrigava a praticar charlatanismo. Além disso, João Jorge Maurer era descrito pela maioria das pessoas de sua época como alguém que não gostava de trabalhar.

João Jorge Maurer nasceu em 28 de fevereiro de 1841, em Picada de São José do Hortênsio. Era filho de João Carlos Maurer e Maria Bárbara Voltz, ambos imigrantes alemães. De acordo com as descrições realizadas por Carlos Von Koseritz, Maurer era um homem de estatura mediana, boas cores, cabelo e barba louros, olhos azuis, *órgão agradável e modos insinuantes*. Sobre sua morte não temos informações precisas, uma vez que após o desfecho do conflito seu corpo teria sido encontrado em adiantado estado de decomposição, enforcado na mata do Ferrabraz. Seu corpo foi identificado apenas pelas roupas que usava e reconhecidas pelo seu alfaiate. Outra versão afirma que Maurer teria fugido e passado a viver na região da fronteira noroeste do estado.

Agricultor e marceneiro de profissão, Maurer tinha aprendido a manipular ervas medicinais, que eram empregadas no preparo de chás e remédios para a cura de várias doenças que assolavam os colonos. A denominação de “*Doutor Maravilhoso*” surgiu entre as pessoas que nele procuravam ajuda médica e acabou se tornando bastante conhecida na colônia. Foi, portanto, em torno de Jacobina e João Jorge Maurer que se deu a organização do grupo dos Mucker.

Contrapondo-se às representações construídas e difundidas sobre Jacobina e seu marido, encontramos aquelas que retratam o coronel Genuíno Sampaio, que liderou as tropas no combate contra os Mucker no Ferrabraz. Em nossa investigação, procuraremos analisar as diferentes representações construídas sobre o casal Maurer em contraponto àquelas produzidas sobre Genuíno, na medida em que observamos que a condenação dos primeiros – Jacobina e João Jorge – sempre se deram em contraposição à glorificação do segundo.

Genuíno Olympio de Sampaio nasceu em 1822, na Bahia. Iniciou cedo sua carreira militar, sendo que aos quinze anos de idade já havia participado, como cadete, no combate realizado contra os revoltosos no episódio da Sabinada, revolta

que havia se iniciado em 1837, na Bahia. Pelos atos de bravura demonstrados naquela ação, Genuíno foi promovido a Alferes de Comissão.

Em 1838, Genuíno Sampaio chegou ao Rio Grande do Sul para lutar ao lado das forças imperiais na Revolução Farroupilha, que eclodiu na Província em 1835 e que se estendeu até 1845. Terminada a revolução, Genuíno foi elevado a Tenente em 1847 e, em 1849, dirigiu-se à Província de Pernambuco para lutar na Revolução Praieira, que ocorria naquela Província. Saindo do campo de batalha em Pernambuco, marchou até Montevideú, no Uruguai, para lutar contra Rosas, ao lado do Conde de Porto Alegre. Em 1855, tornou-se Capitão de 2ª classe do Estado-maior. Após inúmeras incursões pelo espaço nacional, o coronel foi chamado para apaziguar e acabar com o conflito entre os colonos do Ferrabraz, na Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Foi durante essa ação que Genuíno morreu, no dia 21 de julho de 1874.

A causa de sua morte é bastante discutida, havendo diferentes versões. Alguns apontam a possibilidade do coronel ter sido atingido na perna por uma bala lançada por um Mucker, enquanto outros afirmam que a bala foi propositalmente lançada em sua direção por um soldado descontente. Já uma terceira versão aponta para a possibilidade de ter sido um de seus soldados o responsável pelo disparo, que sem querer teria atingido a perna de Genuíno. Independentemente da origem do disparo, o fato foi que Genuíno veio a falecer em decorrência de uma forte hemorragia que não pôde ser controlada. A distância do Ferrabraz e os precários meios de transporte existentes na época impediram que o coronel fosse levado a tempo até o centro de São Leopoldo. Em função de sua morte, entrou no cenário do conflito o Major Francisco Santiago Dantas, que levaria o conflito até o final, com a derrota dos Mucker.

Tanto as representações construídas sobre Genuíno quanto aquelas construídas sobre Jacobina são compreendidas como expressão de diferentes visões e interpretações que, por sua vez, foram difundidas no meio social da região em que ocorreu o conflito. Diferentemente da personagem Jacobina, identificada como responsável pelo conflito, Genuíno Sampaio foi apontado pelas autoridades e consagrado à época dos acontecimentos como o herói do conflito, que deu sua vida para proteger a população da colônia alemã de São Leopoldo contra os Mucker. A representação construída sobre Genuíno Sampaio e que se consagrou no imaginário da população de São Leopoldo foi a do militar que tombou em nome da civilização contra a barbárie. Nesse caso, Genuíno representava a *lança da civilização*, enquanto os Mucker representavam o *universo bárbaro*, não civilizado.

Essa mesma representação sofreu manipulações, especialmente a partir de 1889, na medida em que o personagem é alvo de interpretação dos republicanos¹⁰. A eleição desse personagem como figura heroica e de reputação inabalável foi

¹⁰ Em 1889, com a implantação da República no Brasil, o princípio que orientava as ações do novo governo era o lema positivista, de ordem e de progresso, corrente defendida por Augusto Comte. Sobre essa questão que envolve a implantação da República no Brasil e a manipulação dos imaginários sociais durante a consolidação do novo regime político, apontamos a obra *A formação das almas*, de José Murilo de Carvalho. Na obra, o autor discute a forma como os imaginários serviram de elemento fundamental para a consolidação da República e como a veiculação de representações sobre Tiradentes exerceu um papel indispensável na construção de uma nova identidade para o novo regime político.

indispensável para a condenação moral de Jacobina, que desempenhava a função de anti-heroína.

Para os objetivos deste estudo se impõe uma análise das representações de Genuíno Sampaio para contrapô-las às de Jacobina Mentz Maurer. Concentramos nossa investigação na compreensão das diferentes versões apresentadas para Jacobina Mentz Maurer, assim como sobre Genuíno Sampaio e nas quais se enfatizaram diferentes olhares, como suas origens familiares, suas descrições físico-psicológicas, seus caracteres e suas atuações.

Consideramos o estudo realizado pela historiadora Joana Maria Pedro, especializada nas questões de gênero, bastante esclarecedor quanto às condições em que viviam as mulheres no sul do Brasil durante o século XIX. Em sua pesquisa, a autora analisa como se produziram imagens sobre as mulheres no sul do Brasil e quais os condicionantes que envolveram estas representações. É também à luz deste estudo de Joana Maria Pedro¹¹ que procuramos compreender a construção das representações sobre a personagem Jacobina Mentz Maurer, que se encontrava inserida no contexto das mulheres do sul do Brasil.

Como exemplo de sua exposição, temos que os jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram modelos ideais de mulher como *boas mães, virtuosas esposas e dedicadas filhas*. Segundo Pedro, esses modelos já faziam parte da sua cultura e podiam ser encontrados de forma evidente na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares e no cotidiano dessas comunidades, através de suas tradições. Nesse caso, Jacobina não se encaixava nesse modelo projetado para as *mulheres de boa índole*.

Com a palavra: Koseritz, Dantas e Schupp e sua versão sobre o “Casal Maurer”

Na publicação do artigo “A Fraude Mucker na Colônia Alemã. Uma Contribuição para a história da cultura da germanidade daqui”, de 1875, encontramos a primeira imagem idealizada de Jacobina. Publicado por Carlos Von Koseritz em seu *Koseritz Kalender*, o artigo procurava alertar as pessoas para os fatos que ocorriam, consistindo num “ato de denúncia” em relação ao grupo que se organizava no Ferrabraz.

Para Koseritz, o movimento não se enquadrava na realidade da colônia alemã de São Leopoldo, o que justificava a denúncia: “estes fatos lançam luz terrível sobre nosso progresso e que são motivo das mais sérias preocupações para o futuro”¹². Apresentando os Mucker como fanáticos religiosos e avessos aos avanços da ciência, Koseritz tece críticas severas a eles, na medida em que não praticavam os valores da verdadeira germanidade. Em sua exposição, o autor também aproveita para atacar de forma direta a ação da Companhia de Jesus, por ele denominada de *agourenta Ordem de Jesus*, o que expõe a rivalidade entre católicos e protestantes existente à época.

¹¹ PEDRO, Joana Maria. “Mulheres do sul”. In: PRIORE, Mary Del (org). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 281.

¹² VON KOSERITZ, Carlos. “A Fraude Mucker na Colônia Alemã: uma contribuição para a história da cultura da germanidade daqui”. *Koseritz Kalender*, s.r., s.d., p. 01. Tradução de Martin Norberto Dreher.

O alvo preferido por Koseritz, no entanto, foi Jacobina Mentz Maurer. Para ele, Jacobina representava a *demência religiosa* que havia se instaurado na colônia, devido à indigestão crônica de passagens bíblicas, aliada ao temor cuidadosamente nutrido ante o inferno e o diabo e também pela sua crença demente em revelação, vocação divina e milagres de toda a espécie.

Para Koseritz, Jacobina era a responsável pelos acontecimentos que assolavam a colônia:

Uma mulherzinha doida, histérica como Jacobina Maurer teria sido simplesmente ridicularizada, sem jamais encontrar adeptos que se deixassem inflamar a tais atos macabros.

Sabemos de sobejo que com a publicação desta nossa opinião, baseada na mais íntima convicção, haveremos de chocar novamente os mais amplos círculos. O agourento “S.v.K.” será novamente o alvo da baba piedosa que espirra do alto dos púlpitos de ambas as confissões; não de tropejar contra o almanaque popular e proibir a aquisição do mesmo, - isso, contudo, pouco importa, pois cumprimos nosso dever, dizemos a verdade e esclarecemos os leitores a respeito das verdadeiras causas da fraude Mucker nas colônias.¹³

A desqualificação de Jacobina no texto de Koseritz fica bem evidente no emprego do diminutivo *mulherzinha*. Jacobina é descrita como uma desajustada socialmente e responsável por *atos macabros*. Para ele, se a população da colônia não tivesse vívido no desamparo religioso, Jacobina jamais teria alcançado o prestígio e a credibilidade que teve entre seus adeptos.

Koseritz ressaltou, de forma irônica, sua inconformidade com o pensamento das autoridades religiosas que, segundo ele, logo iriam criticar suas opiniões. Koseritz procurou, ainda, tornar pública a origem familiar da líder dos Mucker:

Todas as mulheres da família Mentz eram mais ou menos levadas ao excesso e propensas ao entusiasmo religioso; pois sua fantasia fora abarrotada desde a juventude com leitura da Bíblia, e exercícios religiosos permanentes – uma espécie de epidemia de reza – as forçavam a permanecer, por horas, ajoelhadas.¹⁴

Interessante observar que, ao colocá-la inserida no seio de uma família, suas características psicológicas foram atribuídas a uma certa tradição das mulheres Mentz. A leitura e a interpretação da Bíblia teriam sido as causas do fanatismo e do seu excesso de devoção, que somados à sua compleição física e atributos, teriam a tornado uma desequilibrada:

¹³ VON KOSERITZ, “A Fraude Mucker...”, p. 05.

¹⁴ VON KOSERITZ, “A Fraude Mucker...”, p. 06.

*Às consequências dessa educação pode ter sido acrescida em Jacobina Maurer predisposição física a casos de histeria que, mais tarde, degenerou em sobreexcitação nervosa ligada a sintomas de sonambulismo, no entanto e por outro lado, hoje está comprovado que Jacobina Maurer tinha uma natureza desmesuradamente sensual que, afinal, degenerou em ninfomania formal; pois só assim pode ser explicada a curiosa mistura de excessos sensuais e terríveis crueldades que consquistaram esta mulher no último estágio de sua vida notoriedade tão detestável.*¹⁵

Vale ressaltar que a questão de gênero aparece como um elemento desqualificador de Jacobina, ao ser apontada como *mulherzinha*, de quem eram esperadas determinadas características psicológicas. A conduta da família Mentz e a educação familiar que recebia os filhos, sobretudo as filhas, aparecem como elementos que procuram justificar o estado de *histeria* de Jacobina.

Koseritz destacou também a atuação conjunta de Jacobina e João Jorge Maurer. Na versão de Koseritz, João Jorge era um *charlatão*, que ganhava dinheiro com a ignorância das pessoas que se dirigiam ao Ferrabraz em busca de cura e salvação. Para ele, apesar das tentativas dos mais esclarecidos de impedir que muitos se dirigissem à casa do casal Maurer: “De nada adiantou; charlatões jamais lutam em vão contra a burrice e Hansjörg breve se tornou médico muito procurado”¹⁶.

A prática do curandeirismo, segundo Koseritz, trouxe prosperidade financeira, já que muitos dos que se dirigiam à casa de Maurer levavam dinheiro como forma de pagamento pelo atendimento. Koseritz chegou a acusar Maurer de não ter curado ninguém, reforçando a representação de João Jorge Maurer como *charlatão*, que enganava as pessoas.

No artigo de Koseritz, Jacobina desempenhava o papel de guia espiritual e *acorrentava* as pessoas através da leitura e interpretação da Bíblia:

*As onças choviam em sua casa, que em pouco tempo se tornou ponto de reunião de muitos doentes, aos quais prescrevia toda a sorte de decoções de ervas. Não curou ninguém, mas que importa, os doentes acorriam como antes a ele que buscou acorrentá-los de outra maneira. Para tanto, a pretensa inspiração divina de Jacobina proporcionou-lhe a algema necessária. Como Deus se dignasse nomear-lhe medicamentos e interferir no ofício dos médicos, nada foi mais natural para Maurer do que explorar a propensão à credence.*¹⁷

¹⁵ VON KOSERITZ, “A Fraude Mucker...”, p. 06.

¹⁶ VON KOSERITZ, “A Fraude Mucker...”, p. 06.

¹⁷ VON KOSERITZ, “A Fraude Mucker...”, p. 06.

Na versão publicada em 1880, sob o título “Marpingen und der Ferrabraz”¹⁸, Jacobina é descrita como mensageira da palavra de Cristo. Para o autor, contudo, Jacobina não passava de uma enganadora, que se dizia proferir palavras divinas aos seus adeptos do Ferrabraz. A atitude de Jacobina foi associada ao ambiente rude e hostil – de pouca formação intelectual – e à ausência de amparo científico, que a privavam do conhecimento mínimo das *leis que regem o universo*.

João Jorge Maurer, por sua vez, foi descrito neste artigo como “trapaceiro e vadio que, apesar de ignorante, provocara viver à custa da ignorância e estupidez de seus semelhantes”¹⁹. Assim como Jacobina, João Jorge Maurer também foi alvo de críticas severas, tendo sido identificado como responsável pelos atos cometidos pelos Mucker. Koseritz comparou a sua ação de curandeiro a outras tantas existentes na história mundial, interpretando-a como produto da ignorância.

Koseritz concluiu seu artigo enumerando os motivos que teriam levado à formação dos Mucker no Ferrabraz. Para ele, a personagem Jacobina surgiu num contexto de fanatismo religioso, em decorrência de uma educação deficiente que transformou todos os crédulos em potencial:

*Superirritação de uma mulher sonâmbula;
Exploração sistemática se seu estado por trapaceiros
movidos por interesses particulares;
Fanatismo religioso que se desenvolvia entre os
freqüentadores da casa da sonâmbula, como doença
contagiosa;
Receptividade verificada nos espíritos desses freqüentadores
em virtude de sua educação deficiente.*²⁰

No século XIX, as narrativas de Carlos Von Koseritz exerceram um papel de fundamental importância no processo de construção das representações de Jacobina, na medida em que, ao tornar pública sua interpretação sobre o conflito, Koseritz não somente a apresentou como “a” versão dos fatos como inspirou outros escritos.

É preciso considerar que Koseritz era tido como um intelectual em sua época e, portanto, autor respeitado por grande parte de seus leitores. Com isso, suas ideias acabaram se sedimentando no imaginário²¹ social da população, especialmente por ter sido o primeiro a escrever sobre o conflito Mucker, influenciando vários outros

¹⁸ VON KOSERITZ, Carlos. “Marpingen und der Ferrabraz”. In: PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz: os mucker*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966, p. 170-173. Marpingen é traduzido por Leopoldo Petry como sendo um lugarejo da Alemanha.

¹⁹ VON KOSERITZ, “Marpingen und der Ferrabraz”, p. 172.

²⁰ VON KOSERITZ, “Marpingen und der Ferrabraz”, p. 173.

²¹ Para Baczko os “[...] imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percebe, divide e elabora seus objetivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa suas identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e expõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento”. BACZKO, Bronislaw. “Imaginação social”. In: *Enciclopedia Einaudi* – vol. 5: Anthropos - Homem. Portugal: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, s.d., p. 309-310.

estudos realizados a partir do final do século XIX. Como exemplos, encontramos os *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo* e os *Anais do Primeiro Simpósio de História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul*.

Com o propósito de compreender o processo que envolveu a construção de uma imagem tão negativa sobre o casal Maurer, consideramos necessária a análise do relatório escrito por Dantas em 1877, uma vez que a versão apresentada por ele influenciou de forma decisiva o processo de construção e difusão de representações sobre o conflito. Na narrativa de Dantas²² prevalece o ponto de vista de um militar preocupado com a descrição do cenário e das ações militares que envolveram o combate dos Mucker. A ênfase dada a essas descrições fez com que Dantas não se preocupasse em evidenciar o papel desempenhado por Jacobina, sendo que, na maioria das vezes, foi destacada a atuação de seu marido João Jorge Maurer. Ele teria sido, segundo a versão apresentada por Dantas, o grande responsável pela organização do grupo.

Como exemplo disso que afirmamos, apresentamos o único trecho, ainda na introdução, em que Jacobina foi citada nominalmente, sendo que no decorrer de sua narrativa seu nome se torna ausente:

*João Jorge Maurer e sua mulher Jacobina haviam organizado no município de S. Leopoldo uma seita religiosa que se baseava em arbitrarias interpretações dos Livros Santos. Discutiam os teólogos a questão da crença; debaixo do ponto de vista em que escrevo pouco importa.*²³

A ausência nominal de Jacobina, no entanto, não diminui a sua participação na organização do grupo, sendo que Dantas, ao referir-se à casa do casal, denominou-a de *casa Maurer*, numa referência a João Jorge e Jacobina. A casa Maurer, no entanto, é apresentada ao leitor como um símbolo da destruição dos Mucker, devido à ação militar bem sucedida.

Comparada a uma pira gigante, a casa incendiada pelos soldados era motivo de comemoração de mais uma etapa na luta contra os Mucker. O Ferrabraz, mais uma vez, é enfatizado e é associado ao terror, já que as vítimas teriam morrido queimadas pelo fogo, pondo fim à seita do Ferrabraz. Um aspecto, no entanto, chamou-nos a atenção: se os personagens envolvidos no conflito não mereceram atenção especial por parte de Dantas, a atuação do Coronel Genuíno Sampaio será enaltecida. Os tempos muito difíceis, marcados pelo fanatismo e pelo fervor religioso, haviam tomado uma tal proporção que a ação militar se fez necessária. Além disso, segundo Dantas, a conduta assumida por Maurer teria provocado o massacre de seus adeptos:

Assim foi – Maurer e seus adeptos, quiseram e, em nome de Deus, inocentes criaturas se imolaram, sem que ao menos na hora do sacrifício vissem a seu lado, falso

²² AHRS. “Ligeira Notícia sobre as Operações Militares contra os Muckers na Província do Rio Grande do Sul”. Francisco C. de Santiago Dantas. Rio de Janeiro, 1877. Maio 152.

²³ AHRS. “Ligeira Notícia...”, p. 02.

*apostolo que as conduzira ao abismo. Miserável!... nem sequer teve coragem vulgar do bandido, que no derradeiro transe faz-se voar na explosão de barril de pólvora com toda a sua tropa. Fugiu e, sem remorsos, deixou entregue ao vencedor quase todos os que o seguiam.*²⁴

Nota-se que, nessa narrativa, Jacobina esteve praticamente só, tendo sido apresentada ao exercer um papel de líder religiosa ao lado do marido João Jorge Maurer, que teve ação destacada, nem mesmo em relação às suas práticas de curandeiro. Na análise da narrativa de Francisco Dantas, percebemos, ainda, sua preocupação em evidenciar a existência de dois grupos rivais. De um lado os Mucker, identificados por ele como fanáticos que resistiram à determinação da lei e, de outro lado, as forças oficiais que procuraram defender os interesses do governo e dos colonos que se viam atacados pelos Mucker.

Nesse contexto recriado por Dantas, o Coronel aparece como personagem de destaque, dada a sua atuação em combate, que acabou levando-o à morte. Genuíno Sampaio foi apresentado como “distinto coronel Genuíno”²⁵, demonstrando a intenção de Dantas de enfatizar o caráter de Genuíno, que se perfilava entre os mais destacados militares brasileiros.

As ações militares de Genuíno foram ressaltadas na narrativa de Dantas, em que se sobressai a bravura do coronel destemido e determinado que combateu os Mucker. Dantas compartilhava com os leitores o momento em que Genuíno foi atingido. Em sua narrativa tornam-se evidentes as recomendações de cautela dadas por Dantas a Genuíno. Esse, segundo Dantas, não teria se preocupado com os perigos, o que teria resultado no ferimento na perna, que o levou à morte ainda naquela madrugada do dia 20 de julho de 1874. As mortes de soldados e dos próprios Mucker foram entendidas por Dantas como necessárias, o que tornava a morte do Coronel mais incompreensível e inaceitável:

*À medicina compete explicar o fenômeno, só sei que perdeu grande quantidade de sangue e que não havia medico presente por haver na véspera se retirado com os nossos feridos o que acompanhara e expedição. O ataque da madrugada seria completamente sem importância se o destino não houvesse marcada com seu selo inexorável o termo dos dias do bravo coronel.*²⁶

A morte de Genuíno foi utilizada por Dantas para incentivar as ações dos soldados que, abalados com a morte do coronel, se viram numa situação difícil. Dantas afirmou que a morte de Genuíno deveria servir-lhes de exemplo de bravura e que estes não deveriam se deixar abalar. Ao contrário, deveriam tomar esse fato como lição e com isso “salvar a dignidade do uniforme nacional”²⁷.

²⁴ AHRS. “Ligeira Notícia...”, p. 04.

²⁵ AHRS. “Ligeira Notícia...”, p. 06.

²⁶ AHRS. “Ligeira Notícia...”, p. 09.

²⁷ AHRS. “Ligeira Notícia...”, p. 11.

Apesar de identificado pelo narrador como *malaventurado*, as incursões de Genuíno Sampaio deveriam servir de incentivo moral para todos prosseguirem no combate aos Mucker. O discurso de Dantas tornou a morte de Genuíno em mais um elemento justificador da ação militar no Ferrabraz. Enquanto os Mucker eram apresentados em sua narrativa como fanáticos e assassinos, a imagem de Genuíno Sampaio construiu-se como contraponto a essa descrição.

Genuíno era, na interpretação de Francisco Dantas, o exemplo de herói, que havia dado sua vida no combate aos Mucker, defendendo os interesses do Estado e da população da colônia alemã de São Leopoldo. Ao evidenciar o caráter cívico da atuação de Genuíno, Dantas ressaltou a defesa dos interesses da pátria, contribuindo para a construção da imagem do coronel como um herói, cujas características ímpares o tornaram vulto na história local, regional e nacional, protegendo os colonos contra uma mulher que sofria de *fanatismo religioso* e de um homem mal intencionado, que praticava *curas supostamente milagrosas*.

Concordando com a visão detratora dos Mucker apresentada por Dantas, temos o padre jesuíta alemão Ambrósio Schupp, que chegou a São Leopoldo em 1874, mesmo ano em que acabou o conflito. Em sua obra, publicada primeiramente em alemão e posteriormente traduzida para o português, Schupp afirmou que Jacobina e João Jorge Maurer eram os principais responsáveis pela formação do grupo, apresentando-os como o *casal misterioso do Ferrabrás [que] se deixou penetrar e possuir dessa convicção*²⁸, ao aliar a cura de doenças à prática religiosa.

Para o autor, o mistério envolvia os personagens João Jorge Maurer e Jacobina Mentz Maurer²⁹, que não teriam outra pretensão senão a de enganar os colonos, com supostas curas milagrosas realizadas por Maurer através de palavras da Bíblia, proferidas por Jacobina.

De forma semelhante a Koseritz, Schupp apresentou Jacobina como a principal responsável pelos acontecimentos do Ferrabraz que, segundo ele, teriam resultado do desamparo e da ignorância dos moradores da localidade. Nesse contexto de dificuldades, Jacobina desempenhou seu papel de líder religiosa, ao presidir cultos e ao ditar regras de convívio do grupo. Procurou também apresentar Jacobina como uma pessoa dotada de capacidades limitadas e praticante de atos criminosos, como ficou evidenciado na seguinte passagem:

*Jacobina mandara degolar o próprio filho, criança de peito, para que o choro desta não descobrisse o seu esconderijo; ordenado mais que, em dia determinado, se fizesse o mesmo a todas as crianças menores de cinco anos; pois assim como o Salvador fora salvo pelo sangue dos recém-nascidos, assim também ela devia ser salva pelo sangue das crianças de terra idade.*³⁰

²⁸ SCHUPP, Ambrósio. *Os muckers*. 3. ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s.d., p. 42.

²⁹ Uma análise atenta de sua obra aponta para o entendimento do “lugar de enunciação”. Isto é, Schupp é padre da ordem dos jesuítas e, portanto, realiza sua investigação, a partir do olhar de religioso, representante da Igreja.

³⁰ SCHUPP, *Os muckers*, p. 277.

Schupp manteve a versão detratora iniciada com os artigos de Koseritz, ao ressaltar que Jacobina, ao final do conflito, teria sido descoberta ao lado de seu suposto amante. Na descrição de uma Jacobina totalmente fora de si, percebe-se a intenção do autor de “explorar” o *horror* e o *medo* dos leitores:

*Jacobina, toda escabelada, o olhar desvairado, precipita-se para fora da choupana. De um salto acha-se a seu lado Rodolfo, pronto a sacrificar a vida por ela. Com olhar de louco, bramindo como um tigre, parecia querer defendê-la de todos os lados, a um tempo.*³¹

Para Schupp, a população, outrora tão pacífica e sensata, estava sob a ameaça dos desatinos praticados por Jacobina, que teria aguçado seus sentimentos, provocando a reação dos colonos que, imediatamente, perceberam o *ridículo do conciliábulo fanático do Ferrabrás*³². Em sua descrição do movimento, o autor identificou a existência de dois grupos na Colônia Alemã: os *Mucker* e os *Ímpios*. Os *Mucker* eram os representantes das ideias fanatizadas de Jacobina e os *Ímpios* eram os representantes dos bons costumes e da sensatez.

Segundo o autor, as práticas do curandeirismo e o fanatismo religioso, bem como o desregramento das relações familiares foram consequências da doutrina imposta aos colonos do Ferrabraz por Jacobina. Falsas práticas da medicina, enganação religiosa e desregramento moral constituíam, nessa perspectiva a realidade dos colonos do Ferrabraz. Os esforços – narrativos – feitos por Schupp para identificar Jacobina como a líder espiritual do grupo e responsável pelos atos criminosos praticados pelos *Mucker* tornaram-se perceptíveis no uso que faz de palavras e de frases de forte impacto, como podemos ver nos trechos que destacamos.

Nessa mesma linha interpretativa, Schupp destaca a atuação de Genuíno Sampaio, afirmando que essa se deu a partir do momento em que as atividades do grupo liderado por Jacobina no Ferrabraz foram associadas a verdadeiros atos de barbárie. Como aponta em sua narrativa, o Ferrabraz havia se transformado num cenário de horror, no que se realizava, por iniciativa de Jacobina, uma *feira de sangue*³³, disseminando um ambiente de *orgia de sangue nas picadas*³⁴.

Genuíno Sampaio representava o grande salvador da população do Ferrabraz, que vivia sob o domínio de Jacobina. Termos como *vigoroso, corajoso e resoluto* tornam compreensíveis os objetivos de sua narrativa, que procurava construir a imagem do *salvador*. A ênfase dada à atuação de Genuíno favoreceu a construção de uma imagem de salvador, que foi reconhecida pela população, que atribuiu a ele a condição de verdadeiro herói.

A identificação da população da colônia com as ações de Genuíno Sampaio foi tanta que muitos colonos se ofereceram para ajudá-lo no combate aos *Mucker*. O ambiente de hostilidade, comandado pela *mulher fanática* e pelo *falso curandeiro*, ganha destaque na narrativa de Schupp, ao informar que “os fanáticos não

³¹ SCHUPP, *Os muckers*, p. 299.

³² SCHUPP, *Os muckers*, p. 75.

³³ SCHUPP, Ambrósio. *Os muckers*. 3. ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s.d., p. 217.

³⁴ SCHUPP, *Os muckers*, p. 221.

vacilam, mas guardam o passo, amparando a investida. Aos brados de: – Abaixo os miseráveis! Morram os assassinos! – os soldados avançam sempre”³⁵.

Considerações Finais

A análise que realizamos sobre o Casal Maurer e especialmente sobre Jacobina, permitiu que percebêssemos como, no final do século XIX, através de narrativas tornadas públicas, difundiram-se diversas representações de Jacobina e de seu marido e, por consequência dos antagonismos, do coronel Genuíno. Elas reafirmaram o antagonismo existente entre os personagens principais do conflito.

As representações construídas por Koseritz, Dantas e Schupp sobre os dois personagens contribuiu principalmente para a construção da imagem de Jacobina como responsável pelas atrocidades cometidas pelos Mucker. Pode-se dizer que a personagem Jacobina sobressaiu-se nas narrativas sobre o conflito, tornando-se mais importante que ele. Isso pode ser comprovado na evidência dada a ela nas diferentes fontes que analisamos.

Também o personagem Genuíno foi alvo de diferentes interpretações. Sobre seu personagem recaíram os louros da vitória, e sua imagem foi apresentada como a daquele que deu sua própria vida em defesa dos interesses dos moradores da Colônia Alemã, mesmo não sendo um representante do *Deutschtum*, mas sim da pátria brasileira. Esse caráter cívico foi amplamente enfatizado, destacando-se sua origem militar e seus feitos.

Defendemos a ideia de que Jacobina Maurer e Genuíno Sampaio encontravam-se em campos opostos, não apenas por sua condição de inimigos. Essa oposição se deu também após a morte dos dois, em 1874, momento inaugural das representações construídas sobre eles. À medida que se construía uma imagem gloriosa para Genuíno, Jacobina e seu marido tiveram sua atuação diminuída, transformados em vilões.



³⁵ SCHUPP, *Os muckers*, p. 262.

RESUMO

O trabalho apresenta três importantes fontes históricas para o estudo do conflito Mucker, que ocorreu no final do século XIX na Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo (RS). Inserido no contexto da imigração alemã no sul do Brasil o conflito Mucker foi o único movimento messiânico ocorrido em ambiente protestante no Brasil e liderado por uma mulher, Jacobina Mentz Maurer. Esses elementos presentes na natureza do conflito conferem a ele características singulares na história dos movimentos sociais no Brasil. Nesse contexto, analisamos as obras produzidas por três autores – Karl Von Koseritz, Francisco de Santiago Dantas e Ambrósio Schupp – que ainda no final do século XIX, foram os principais responsáveis pela produção e difusão de representações sobre os líderes do movimento. Esses, através de seus escritos, influenciaram profundamente o imaginário da população, na medida em que associaram Jacobina e João Jorge Maurer, conhecidos como o “Casal Maurer”, às práticas religiosas e o curandeirismo. Notamos que nas três perspectivas apresentadas, Jacobina e João Jorge Maurer foram apresentados como enganadores e responsáveis pelo fanatismo presente na Colônia Alemã.

Palavras Chave: Imigração Alemã; Conflito Mucker; Fanatismo Religioso; Curandeirismo.

ABSTRACT

The present study presents three different historical sources to tackle the study regarding the Mucker conflict, an event that took place at the end of the 19th century in the former German Colony of São Leopoldo (RS). Inserted in the context of the German immigration in the South of Brazil, the Mucker conflict was the only messianic movement that occurred in a protestant environment in Brazil and that was led by a woman, namely Jacobina Mentz Maurer. These elements form the core of the conflict and give it certain singular characteristics among the history of social movements in Brazil. In this context, we have analyzed the work of three authors – namely Karl Von Koseritz, Francisco de Santiago Dantas and Ambrósio Schupp – who were, until the end of the 19th century, the leading minds behind the production and propagation of the representations of the movement leaders. These authors, through their writing, have played a major role in the imaginary of this population, insofar as they have associated Jacobina and João Jorge Maurer, known as the “Maurers”, to religious practices and quackery. We have observed that, according to all three perspectives, both Jacobina and João Jorge Maurer have been portrayed as deceivers and responsible for the fanaticism experienced in the German Colony.

Keywords: German Immigration; Mucker Conflict; Religious Fanaticism; Quackery.

Artigo recebido em 18 jul. 2014.
Aprovado em 19 set. 2014.